

6 ABORDAGEM ÀS PALEODIETAS E MOBILIDADE DOS INDIVÍDUOS DO SEPULCRO 4 NO CONTEXTO DOS PERDIGÕES E DO INTERIOR ALENTEJANO

António Carlos Valera

Anne-France Maurer

Cristina Barrocas Dias

Intervencionado no âmbito de um projecto específico orientado para as problemáticas da mobilidade e da interacção social em que os Perdigões se foram envolvendo ao longo da sua diacronia (projecto PTDC/EPH_ARQ/0798/2014 financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia), o Sepulcro 4 foi integrado nos estudos em curso relacionados com a mobilidade e as paleodietas das populações e dos animais que frequentaram este complexo de recintos (Žalaitė *et al.* 2018; Valera *et al.* 2020).

6.1 AS PALEODIETAS DOS INDIVÍDUOS DO SEPULCRO 4 NO CONTEXTO DOS PERDIGÕES E DO INTERIOR ALENTEJANO

A abordagem às paleodietas dos indivíduos depositados no Sepulcro 4 foi efectuada através da determinação dos valores isotópicos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ em seis amostras de colagénio de osso humano, realizada no laboratório Beta Analytic, seguindo os procedimentos padrão do laboratório. Estas amostras correspondem apenas a um número mínimo de três indivíduos. Esta circunstância fica a dever-se ao facto de as amostras terem sido igualmente datadas pelo radiocarbono e os contextos deposicionais se apresentarem sob a forma de ossários, com apenas algumas conexões anatómicas muito parciais, sendo que no processo de selecção se pretendeu datar diferentes agrupamentos de ossos onde não foi possível recolher sempre o mesmo tipo de ossos e com a mesma lateralidade. Não é, pois, de excluir a possibilidade de algum indivíduo estar duplamente amostrado, tanto mais que o número mínimo determinado pelo estudo bio-antropológico de todo o conjunto osteológico é relativamente baixo (11 indivíduos).

Das seis amostras (Tabela 6.1), quatro pertencem à segunda fase de deposições (16138, 16131, 16149 e 16140B), com um número mínimo de dois indivíduos determinado por duas tíbias esquerdas) e duas à primeira fase (16174 e 16542, com um número mínimo de um

indivíduo determinado por mais uma tibia esquerda). Os resultados obtidos revelam valores que sugerem uma alimentação à base de plantas C3 e de proteína derivada de herbívoros terrestres e dos seus produtos secundários, como lacticínios.

Tabela 6.1 – Valores de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ de colagénio de ossos para indivíduos dos Sepulcros 1, 2 e 4 dos Perdígões.

* Valores anómalos em %C e %N (má preservação de colagénio)

Sector	Estrutura	Un. Est.	Amostra	Lab. Ref.	%C	%N	$\delta^{13}\text{C}$, ‰	$\delta^{15}\text{N}$, ‰	C:N
T	Sepulcro 4	UE658	(16714) Tibia esq.	Beta-514884	40.1	14.1	-19.4	8.7	3.3
T	Sepulcro 4	UE640	(16542) Úmero esq.	Beta-514883	41.2	14.6	-19.1	8.8	3.3
T	Sepulcro 4	UE642	(16138) Tibia esq.	Beta-514881	41.8	14.9	-19.7	8.2	3.3
T	Sepulcro 4	UE644	(16131) Tibia esq.	Beta-514880	38.8	13.7	-19.8	8.4	3.3
T	Sepulcro 4	UE647	(16149) Fíbula	Beta-517339	40.1	14.3	-19.4	8.5	3.3
T	Sepulcro 4	UE644	(16140B) Fémur dir.	Beta-517338	42.0	15.0	-19.7	8.3	3.3
S	Sepulcro 1	UE105	Fémur	73635	0,2*	0,1*	-25.3	9.9	3,2
S	Sepulcro 1	UE302	Fémur esq.	73636	0,4*	0,1*	-24.7	9.2	3
S	Sepulcro 2 Cam	UE445	Úmero esq.	S5 (E)	27.9	8.9	-19.6	9.4	3.2
S	Sepulcro 2 Cam	UE429	Úmero esq.	S10 (J)	27.9	8.2	-20.1	9.5	3.4
S	Sepulcro 2 Cam	UE429	Úmero esq.	S11 (K)	26.3	8.2	-19.6	10.2	3.2
S	Sepulcro 2 At	UE231	Úmero dir.	S13 (M)	27.6	8.9	-19.9	9.8	3.1
S	Sepulcro 2 At	UE231	Fémur esq.	73632	2.3*	0.8*	-20.4	9.5	3.5
S	Sepulcro 2 At	UE261	Fémur esq.	73633	2.0*	0.7*	-20.9	9.2	3.6

Tabela 6.2 - Valores de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ de colagénio de ossos para a fauna neolítica dos Perdígões.

Sector	Crono	Estrutura	Amostra	Lab. Ref.	%C	%N	$\delta^{13}\text{C}$, ‰	$\delta^{15}\text{N}$, ‰	C:N
Q1	Neolítico	Fosso 14a	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-474678	40.16	14.18	-20.3	5.3	3.3
Q1	Neolítico	Fossa 14	<i>Sus sp.</i>	SC4	42.7	12.3	-21.1	5.5	4.1
Q1	Neolítico	Fosso 12	<i>Canis familiaris</i>	CfN1	33.4	12.1	-19.3	9.8	3.2
Q1	Neolítico	Fosso 13	<i>Bos taurus</i>	BtN1	40.4	14.4	-20.6	6.9	3.3
Q1	Neolítico	Fossa 48	<i>Bos taurus</i>	BtN2	41.5	14.1	-20.2	6.2	3.4
Q1	Neolítico	Fossa 49	<i>Bos taurus</i>	BtN3	41.2	13.9	-20.5	5.8	3.5
Q1	Neolítico	Fosso 13	<i>Bos primigenius</i>	BpN1	40.2	13.6	-20.1	6.4	3.4
Q1	Neolítico	Fossa 48	<i>Bos primigenius</i>	BpN2	42.1	14.3	-20.3	6.6	3.4
Q1	Neolítico	Fossa 49	<i>Equus caballus</i>	EcN1	39.4	13.1	-20.8	5.6	3.5
Q1	Neolítico	Fossa 49	<i>Equus caballus</i>	EcN2	40.7	13.9	-20.5	4.2	3.4
Q1	Neolítico	Fossa 49	<i>Cervus elaphus</i>	CeN1	38.6	12.9	-20.5	5.8	3.5
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Cervus elaphus</i>	CeN2	41.7	14.1	-19.0	7.7	3.4
Q1	Neolítico	Fossa 82	<i>Ovis/Capra</i>	O/cN1	41.7	14.9	-20.1	4.8	3.3
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Ovis/Capra</i>	O/cN2	41.7	14.3	-19.9	5.1	3.4
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Ovis/Capra</i>	O/cN3	42.1	14.4	-19.9	3.3	3.4
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Ovis/Capra</i>	O/cN4	41.8	14.2	-20.8	5.7	3.4
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Sus sp.</i>	SN1	40.1	13.5	-19.4	5.6	3.5
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Sus sp.</i>	SN2	42.6	14.5	-19.8	6.3	3.4
Q1	Neolítico	Hipogeu 1	<i>Sus sp.</i>	SN3	41.7	14.2	-20.0	4.7	3.4

Tabela 6.3 - Valores de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ de colagénio de ossos para a fauna calcolítica dos Perdígões.

* Valores anómalos em %C e %N (má preservação de colagénio)

Sector	Crono	Estrutura	Amostra	Lab. Ref.	%C	%N	$\delta^{13}\text{C}$, ‰	$\delta^{15}\text{N}$, ‰	C:N
Q1	Calcolítico	Depósito ext.	<i>Bos taurus</i>	BtC1	41.5	14.7	-19.9	6.2	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Bos taurus</i>	BtC2	31.7	10.9	-14.7	8.6	3.4
Q1	Calcolítico	Fossa 45	<i>Canis familiaris</i>	CfC2	25.2	8.9	-20.4	7.5	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Canis familiaris</i>	CfC3	15.0*	5.3*	-19.2	9.1	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Canis familiaris</i>	CfC4	38.3	13.4	-18.6	8.1	3.3
Q1	Calcolítico	Fossa 45	<i>Sus sp.</i>	SC5	40.2	14.4	-19.8	7.8	3.2
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>O. cuniculus</i>	OcC1	41.2	14.7	-21.9	3.7	3.3
Q1	Calcolítico	Corte 67	<i>Canis familiaris</i>	Beta-535490	40.6	14.5	-19.1	8.4	3.3
Q1	Calcolítico	Ext. henge	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-535488	41.8	14.8	-20.2	5.6	3.3
Q1	Calcolítico	Int. henge	<i>Ovis/capra</i>	Beta-535487	38.0	13.4	-20.1	9.0	3.3
Q1	Calcolítico	Fossa 93	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-535489	40.3	14.5	-20.4	6.2	3.2
Q1	Calcolítico	Fossa 93	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-542213	40.2	14.3	-20.8	6.1	3.3
Q1	Calcolítico	Depósito ext.	<i>Sus sp. scapula</i>	Beta-535486	40.8	14.34	-19.7	5.7	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Sus sp.</i>	SC1	36.8	13.2	-21.1	5.2	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Sus sp.</i>	SC2	38.7	13.7	-20.1	6.3	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Ovis/Capra</i>	O/cC2	13.1*	4.5*	-20.2	4.4	3.4
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Cervus elaphus</i>	CeC1	33.8	12.1	-19.9	4.8	3.3
Q1	Calcolítico	Fosso 7	<i>Cervus elaphus</i>	CeC2	41.2	14.6	-19.9	4.4	3.3
Q1	Calcolítico	Fossa 54	<i>Cervus elaphus</i>	CeC3	28.6	9.9	-19.5	4.4	3.4
Q1	Calcolítico	Fossa 45	<i>Equus sp.</i>	EsC1	41.5	14.8	-21.4	5.4	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Ovis/Capra</i>	O/cC1	28.0	10.1	-20.4	6.7	3.2
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Canis familiaris</i>	CfC1	0.9*	3.8*	-19.8	10.0	6.5
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	SC3	35.7	12.7	-20.7	7.0	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461413	36.66	12.9	-19.9	5.8	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461410	42.14	15.1	-20	5.8	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461411	41.05	14.7	-20.1	5	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461412	38.67	13.8	-20	4.8	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461408	39.07	13.9	-19.1	4.2	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Canis familiaris</i>	Beta-461407	38.61	13.8	-19.1	7.8	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Ovis/Capra</i>	Beta-461406	41.45	14.8	-20.6	4.5	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461405	37.89	13.5	-19.6	4.9	3.3
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Ovis/Capra</i>	Beta-461403	42.46	15.3	-19.7	5.5	3.2
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Ovis/Capra</i>	Beta-461402	35.66	12.4	-20.6	5.5	3.4
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Ovis/Capra</i>	Beta-461400	28.29	9.6	-19.8	8.3	3.4
L1	Calcolítico	Fosso 2	<i>Sus sp.</i>	Beta-461399	40.58	14.3	-19.5	4.7	3.3

A comparação destes resultados em termos internos, isto é, com indivíduos de outros sepulcros dos Perdígões, é ainda pouco sustentável devido ao reduzido número de amostras analisadas. Para além das seis disponíveis do Sepulcro 4 apenas há resultados para duas amostras do Sepulcro 1 (NMI=1) e mais seis amostras do Sepulcro 2 (NMI=3) (Tabela 6.1). Contudo, ainda que baseada num número reduzido de dados, a comparação apresenta circunstâncias interessantes e que incentivam esta linha de pesquisa nos Perdígões.

A distribuição das amostras dos três sepulcros em função dos valores isotópicos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ (Figura 6.1) revela um agrupamento por sepulcros. As duas amostras do Sepulcro 1

afastam-se claramente do conjunto constituído pelos Sepulcros 2 e 4, revelando uma assinalável diferença em ^{13}C , com valores mais negativos. Quanto às amostras destes dois últimos sepulcros, elas apresentam valores próximos, mas que também se agrupam de forma diferenciada, ainda que os desvio padrão se possam sobrepor.

A diferenciação estabelecida pelos valores obtidos em carbono para o Sepulcro 1 estará, muito provavelmente, relacionada com o baixo teor em colagénio (valores de %C e %N bem abaixo dos critérios para colagénio preservado – Van Klinken 1999), não devendo ser valorizada.

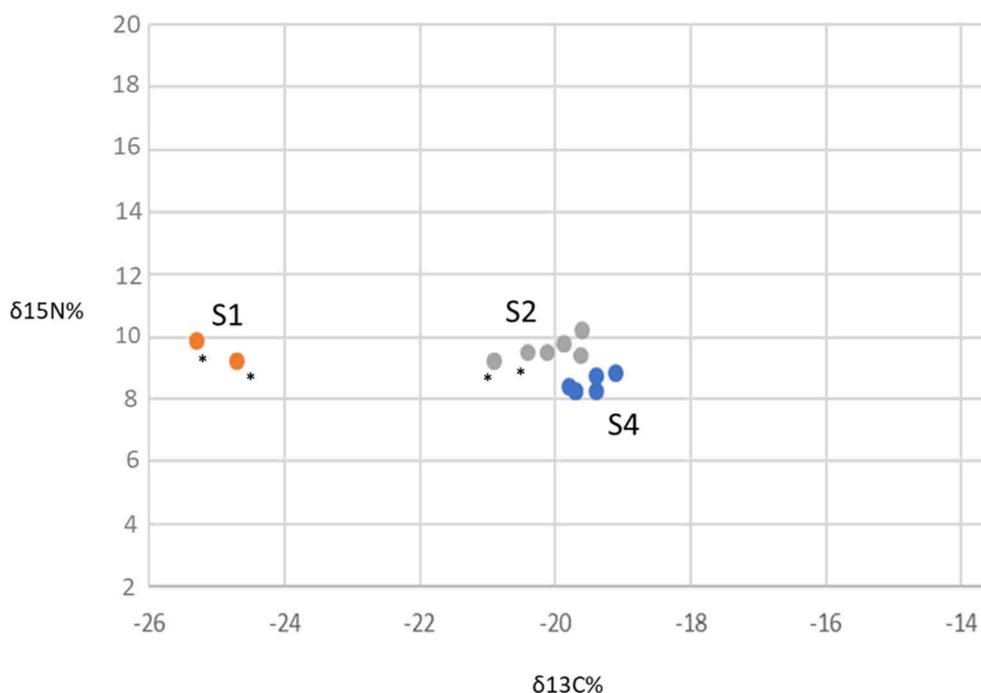


Figura 6.1 – Distribuição dos valores isotópicos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ para indivíduos dos Sepulcros 1, 2 e 4 dos Perdígões.

* Amostras com valores anómalos em %C e %N (má preservação de colagénio)

Já os indivíduos analisados provenientes dos Sepulcros 2 e 4 estariam a ter uma alimentação com componente eminentemente terrestre, com uma dieta em plantas C3. Note-se que dois indivíduos do Sepulcro 2, apesar de próximos dos restantes, apresentam valores de %C e %N que indicam baixa preservação de colagénio (Tabela 6.1; Figura 6.1) sendo precisamente os que apresentam valores de $\delta^{13}\text{C}$ mais negativos, devendo por isso ser considerados com reserva.

Relativamente à ligeira separação dos conjuntos de resultados obtidos para estes dois sepulcros, ela poderá não ser muito significativa, já que os desvios de erro se recobrem. Contudo, poderá eventualmente traduzir uma dieta mais pobre em proteína (menos N) dos indivíduos do Sepulcro 4 ou uma situação em que as plantas que consumiam teriam acesso a menos azoto (resultado, por exemplo, de uma adubação menos efectiva de campos agrícolas). De qualquer forma a diferença registada é pequena e necessita de um alargamento do universo amostrado para que se possam extrair conclusões mais sustentadas e valorizar o agrupamento diferenciado de resultados observado.

Igualmente interessante é a comparação com os valores isotópicos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ existentes para os animais dos Perdígões, os quais constituem uma amostra mais alargada (Žalaitė *et al.* 2018; Valera *et al.* 2020) (Figura 6.2).

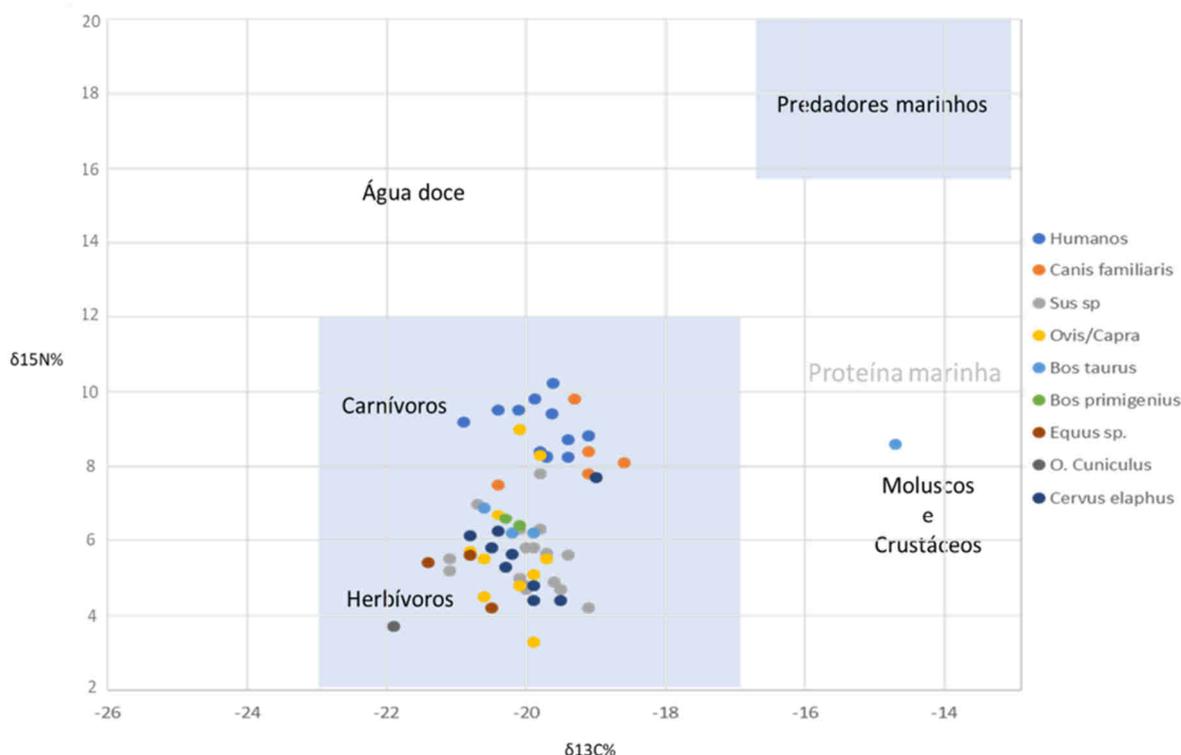


Figura 6.2 – Valores isotópicos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ para indivíduos dos Sepulcros 1, 2 e 4 e faunas neolíticas e calcolíticas dos Perdigões. Foram retirados os indivíduos do Sepulcro 1 e três animais que apresentavam baixa preservação de colagénio (Tabela 6.3).

Os valores mais elevados de $\delta^{15}\text{N}$ nos humanos revelam a situação natural de se encontrarem um nível trófico acima, onde são acompanhados pela quase totalidade dos cães analisados, evidenciando a proximidade desta espécie ao Homem e uma alimentação muito provavelmente à base de restos da alimentação humana. No mesmo sentido pode ser entendida a proximidade de um suíno, sabendo-se do carácter omnívoro que a alimentação desta espécie pode assumir. Mais difícil de explicar é a presença neste conjunto formado por humanos e cães de dois ovicaprinos e a proximidade de um *Cervus elaphus*.

6.2 A MOBILIDADE DOS INDIVÍDUOS DO SEPULCRO 4 NO CONTEXTO DA MOBILIDADE HUMANA NOS PERDIGÕES E NO VALE DA RIBEIRA DO VALE DO ÁLAMO

A abordagem à mobilidade dos indivíduos depositados no Sepulcro 4 foi realizada através da determinação dos valores isotópicos de $87\text{Sr}/86\text{Sr}$ N em cinco indivíduos distintos (Tabela 6.4), os quais foram integrados num estudo mais global recentemente publicado e que abrangeu 20 amostras de plantas para determinação dos valores isotópicos da diversidade geológica local e periférica, 69 indivíduos de diferentes contextos e cronologias nos Perdigões e de um número mínimo de 5 e máximo de 8 indivíduos de três antas do sistema local de povoamento, assim como um conjunto de 28 animais (Valera *et al.*, 2020).

O estudo começou pela definição daquilo que entende por local. Sendo a questão da mobilidade um problema social, a definição do que é local é antes de mais um problema arqueológico. Neste contexto, o vale da Ribeira de Vale do Álamo apresenta uma estrutura de povoamento bem definida, com uma significativa concentração de monumentos megalíticos e contextos residenciais cujos limites arqueológicos se conjugam bem com os próprios limites do

vale, permitindo uma definição espacial relativamente clara de um sistema de povoamento local (Figura 6.3). O local é assim, *grosso modo*, o Vale do Álamo.

Tabela 6.4 – Valores isotópicos de Sr obtidos para os indivíduos do Sepulcro 4 dos Perdigões

Estrutura	Contexto	Amostra	Referência	Esmalte $^{87}\text{Sr}^{86}$	2σ
Sepulcro 4	[642]	M1	H72	0,708660	0,000020
Sepulcro 4	[642]	M3	H73	0,713574	0,000024
Sepulcro 4	[643]	M1	H74	0,713230	0,000023
Sepulcro 4	[646]	M1	H75	0,712296	0,000020
Sepulcro 4	[642]	U Can	H71	0,713390	0,000027

A base geológica deste povoamento local apresenta três formações geológicas principais, que se vão sucessivamente envolvendo. A mais interior corresponde a uma mancha de gabros e dioritos (A) onde se implanta o recinto dos Perdigões. Esta mancha dá-nos o sinal do sítio. Ela é envolvida por uma grande mancha de granitos (B) que cobrem grande parte do vale e que, por sua vez, é envolvida por xistos do Silúrico e do Ordovício (C). A área abrangida pelo povoamento local situa-se essencialmente nos granitos, mas abrange ainda umas franjas dos xistos. Assim, os granitos e os xistos dão-nos o sinal do povoamento local.

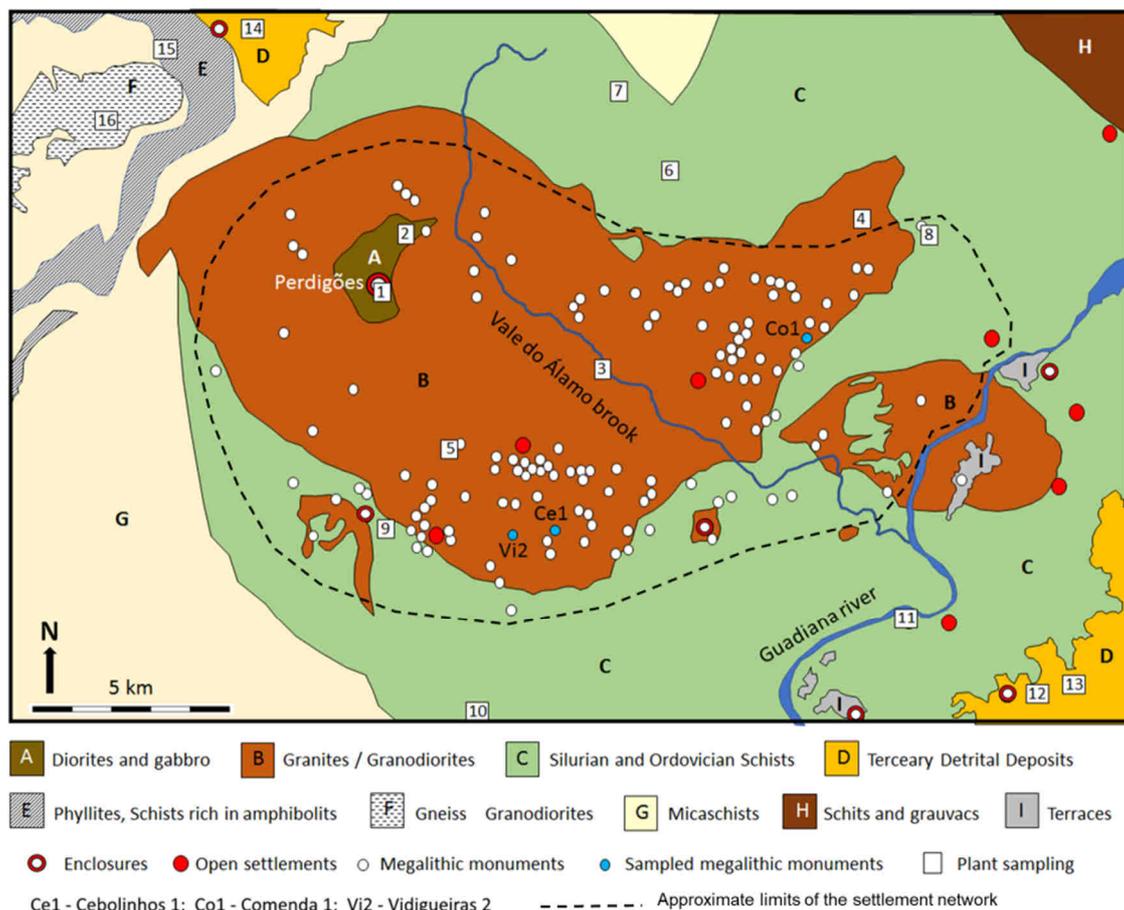


Figura 6.3 – Formações geológicas do vale da Ribeira de Vale do Álamo e das regiões periféricas imediatas (incluindo margem esquerda do Guadiana), com implantação dos monumentos megalíticos, principais sítios não funerários e recintos. Os números mostram os locais de amostragem para determinação dos valores isotópicos das principais formações geológicas (segundo Valera *et al.* 2020).

Estas formações são depois envolvidas por um conjunto de Filitos, Gnaisses e Micaxistos (E, F, G) a Ocidente e a Norte e depósitos terciários (D) a Noroeste e a Este, já na margem esquerda do Guadiana. Estas formações, já fora do Vale do Álamo, dão-nos sinais para territórios periféricos ao sistema de povoamento local. Graças á clara concentração e boa delimitação arqueológica do povoamento local, à diversidade geológica e à forma genericamente concêntrica como ela se desenvolve, tornou-se possível diferenciar sinais isotópicos a uma escala relativamente pequena, permitindo abordar a mobilidade entre a área abrangida pelo Vale do Álamo e as periferias mais imediatas, para além de mobilidades a partir de territórios mais distantes com sinais isotópicos diferentes (Figura 6.3).

Assim, as principais unidades geológicas foram amostradas através de plantas (recolhidas em locais com garantias de não contaminação por químicos usados na agricultura – locais não agricultados) para estabelecer os intervalos de sinal isotópico de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ (Figura 6:3). Tal permitiu estabelecer um intervalo curto para o sinal do sítio, a área dos gabros e dioritos onde se situam os Perdigões (Figura 6.4-A); um intervalo amplo para os granitos e xistos (que integra o intervalo do sítio) e que corresponde ao povoamento local (Figura 6.4-B e C); outros dois intervalos curtos, um para os depósitos terciários (Figura 6.4-D) e outro para o conjuntos dos Filitos e Gnaisses (Figura 6.4-E/F) (Žalaitė *et al.* 2018; Valera *et al.* 2020).

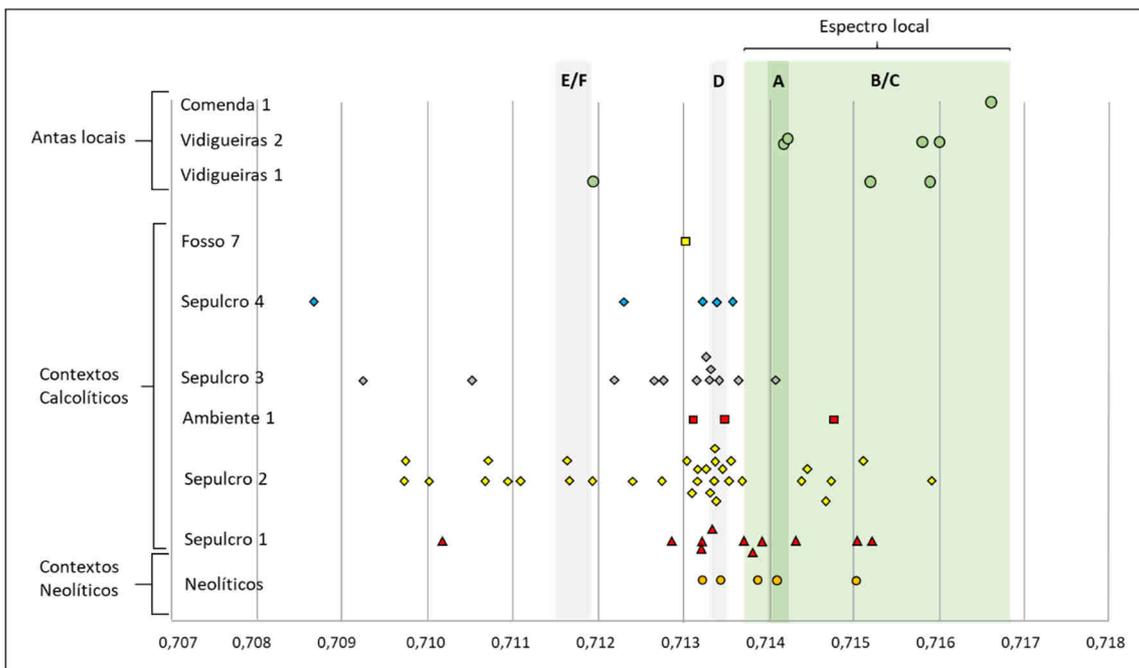


Figura 6.4 - Valores isotópicos de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$ para 69 indivíduos dos Perdigões organizados por contexto e cronologia, e oito amostras de três sepulcros megalíticos do vale da Ribeira de Vale do Álamo (área do sistema de povoamento em que se integram os Perdigões). A, B e C cobrem em conjunto os valores isotópicos para o território desse sistema local de povoamento; D e E/F correspondem a territórios de formação geológica distinta na periferia Noroeste do Vale do Álamo e na margem esquerda do Guadiana (adaptado de Valera *et al.* 2020).

A Figura 6.4 apresenta a distribuição dos valores isotópicos dos indivíduos analisados dos Perdigões, organizados por contexto e cronologia, e de três antas locais. Relativamente aos indivíduos dos Sepulcro 4, todos apresentam valores isotópicos fora do intervalo obtido para o povoamento local, revelando que são exógenos ao vale. Três deles, contudo, situam-se em torno aos valores do intervalo dos depósitos terciários, podendo, portanto, ter origem na periferia do Vale do Álamo, seja a Noroeste, seja na margem esquerda do Guadiana. Os outros dois terão

origens distintas e mais afastadas, nomeadamente o que apresenta valor isotópico mais baixo, compatível com geologias sedimentares, como é o caso, por exemplo, da Península de Lisboa ou do Baixo Guadalquivir.

Comparando os resultados do Sepulcro 4 com os restantes contextos funerários dos Perdigões, verifica-se que o sepulcro segue a tendência geral, onde a maioria dos indivíduos (51-74%) apresenta valores isotópicos mais baixos que o intervalo local, revelando o seu carácter exógeno relativamente ao vale e ao povoamento local.

São igualmente coincidentes no que respeita à maior concentração que os indivíduos exógenos revelam em torno aos valores dos depósitos terciários, indiciando que uma percentagem significativa da mobilidade para os Perdigões se poderia fazer a partir de territórios periféricos, nomeadamente localizados a Norte e na própria margem esquerda do Guadiana.

Verificam-se, também, algumas diferenças em termos diacrónicos e entre sepulcros. Existe uma predominância dos indivíduos com sinal local no Neolítico. Contudo, o número de amostras existentes para este período é ainda muito reduzido (apenas 5), o que não permite ser conclusivo. O Sepulcro 1 revela igualmente uma maioria de indivíduos locais e da periferia imediata, existindo apenas um caso com sinal isotópico mais afastado. Já o Sepulcro 2, que cobre uma cronologia mais ampla (ver Capítulo 3), tem um espetro de valores isotópicos maior e bastante alargado. Apresentando alguns indivíduos com sinal local, revela uma concentração em torno aos valores dos depósitos terciários, mas também vários indivíduos com valores mais baixos e próprios de geologias sedimentares.

Assim, na amostra analisada dos Perdigões, não só se verifica uma predominância geral dos indivíduos exógenos ao povoamento do Vale do Álamo, como a sua proporção varia contextualmente, aspecto relevante para a interpretação destes sepulcros, das práticas funerárias e do próprio sítio. Por outro lado, estes resultados demonstram que este tipo de análises, quando realizadas em sítios com as dimensões, complexidade e natureza dos Perdigões, não podem apenas considerar o sítio como um todo, mas que têm de atender às suas eventuais diversidades e variações contextuais.

Quando comparados com os resultados obtidos para os indivíduos sepultados nas antas locais analisadas, os dados dos Perdigões estabelecem um profundo contraste, já que a maioria daquelas amostras revelam valores isotópicos que caem dentro do intervalo local. Sendo a maioria destas amostras provenientes de antas de construção e utilização neolítica (apenas uma – Cebolinhos 1 – tem referenciada nos seus materiais uma reutilização calcolítica), e sendo os indevidos exógenos presentes nos Perdigões maioritariamente de contextos calcolíticos, este contraste pode sobretudo evidenciar uma tendência diacrónica de crescimento da capacidade catalisadora e agregadora dos Perdigões. Contudo, pode simultaneamente expressar uma diferença de potencial atractivo relativamente ao exterior entre o recinto cerimonial e os contextos funerários megalíticos locais (Valera *et al.* 2020).

Neste contexto, o Sepulcro 4 revela que essa capacidade se mantém activa numa fase avançada do 3º milénio AC, ao ponto de 45% dos indivíduos presentes no sepulcro (correspondendo a 100% dos analisados) terem uma origem exterior ao povoamento local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- VALERA, A.C.; ŽALAITĖ, I. ; MAURER, A-F. ; GRIMES, V. ; SILVA, A.M. ; RIBEIRO, S. ; SANTOS, J.F. ; BARROCAS DIAS, C. (2020) – Addressing human mobility in Iberian large prehistoric ditched enclosures: the case of Perdigões (South Portugal). *Journal of Archaeological Science Reports*. 102264. Doi 10.1016/j.jasrep.2020.102264.
- VAN KLINKEN, G.J. (1999) – Bone Collagen Quality Indicators for Palaeodietary and Radiocarbon Measurements, *Journal of Archaeological Science*. 26: 687–695.

ŽALAITE, I.; MAURER, A.F. ; GRIMES, V. ; SILVA, A.M. ; RIBEIRO, S.; SANTOS J.F.; DIAS, C.B.; VALERA, A.C. (2018) – Diet and mobility of fauna from Late Neolithic–Chalcolithic site of Perdigões, Portugal. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 19: 674–685. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.03.033>